



Carta de Pentecostes 2011  
do Abade Geral Mauro-Giuseppe Lepori  
à Ordem Cisterciense

## “Vai, o teu filho vive!”

Caríssimos Irmãos e Irmãs!

### **Retiro a 4000 metros**

Enquanto me encontrava na Boívia, depois de ter visitado todas as nossas comunidades no Brasil, as nossas monjas de La Paz, que levam adiante com fé e coragem a imensa obra do seu Colégio de 4500 alunos, acompanharam-me à sua fazenda agrícola de Achocalla para uma jornada de repouso, na pureza das montanhas, a 4000 m de altitude, de onde se pode contemplar os Illimani, que se erguem para além de 6000 m. Uma jornada um pouco também de retiro espiritual na qual recordava os vários encontros, as várias experiências vividas no imenso e vivaz Brasil, e todas as experiências de sete meses como Abade Geral. A todo momento o Senhor me deu a alegria de encontros com pessoas e comunidades com as quais nasceu uma relação de comunhão, de amizade, de fraternidade. Quando nasce uma relação de amizade fraterna com os superiores e as comunidades, o meu coração se enche de esperança, mesmo diante dos desafios mais difíceis.

É um paradoxo da comunhão cristã o fato de que a amizade acentue a esperança justo quando nos torna mais sensíveis aos problemas e às fadigas de quem o Senhor nos faz encontrar, e quando se acentua o sentimento de impotência quanto a poder ser verdadeiramente e eficazmente portador de ajuda e conforto. No ar rarefeito de Achocalla, perguntava-me diante de Deus o que a situação assim tão contraditória das nossas comunidades requer de mim e de nós. Retornou-me à mente o Evangelho do dia precedente, João 4,46-54, no qual um funcionário do rei, angustiado pela doença do filho, vai a Jesus e gostaria que descesse com ele a Cafarnaum para curá-lo. Jesus inicialmente se irrita, como que sentindo-se frustrado pela busca contínua de todos por milagres, como se estivesse cansado de fazer milagres sem nunca obter a fé do povo, cansado de constatar que todos querem os seus milagres, sem verdadeiramente querer a Ele: “Se não virdes sinais e prodígios, não creereis.” (4,48)

O funcionário insiste, mas se percebe que o seu pedido tornou-se mais humilde, mais mendicante e pobre: “Senhor, desce, antes que meu filho morra!”(4,49). O que pode haver de mais pobre, de mais impotente, do que um pai que não pode mais fazer nada por seu filho que está morrendo?

Diante deste grito ao limite do desespero, Jesus surpreende então o homem com uma palavra cheia de certeza: “Vai, o teu filho vive!” (4,50)

Imaginemos a perturbação do pai angustiado. Jesus lhe anuncia o que é desejado mais do que qualquer outra coisa, e lho comunica como uma realidade acontecida, como um fato realizado. Seu filho está curado, seu filho vive!

Para o funcionário essa é, por enquanto, apenas uma palavra. Diante dele há só Jesus e a palavra de vida que este lhe anuncia. Mas é aqui que sobrevém a fé do funcionário do rei e um caminho novo para a sua vida: “O homem creu na palavra que Jesus lhe havia dito e partiu.” (4,50)

A fé é um caminho cuja direção e cuja energia estão na presença e na palavra de Jesus. É um caminho de pobreza porque este homem não tem mais nada além dessa palavra para sustentá-lo e guiá-lo. Todas as outras seguranças não têm valor. Todo o caminho da sua vida está suspenso na palavra de Cristo.

### **Uma palavra de vida**

Por que frequentemente nos custa viver assim a nossa relação quotidiana com a palavra de Deus, por exemplo na liturgia, na *lectio divina*? Talvez justamente porque não estejamos suficientemente conscientes de que a palavra de Cristo é uma palavra de vida. E não estamos conscientes disso porque, quando nos dirigimos a Jesus, não lhe pedimos verdadeiramente a vida, como fez o funcionário real do nosso Evangelho.

Cristo de fato nos anuncia a vida, nos anuncia sempre a vida. Cada palavra sua é confiada a nós para que vivamos, e para que todos ao nosso redor possam viver.

“Vai, o teu filho vive!”

Essa palavra é, no fundo, o resumo do anúncio cristão. Jesus Cristo dá vida a tudo o que temos de mais caro, e desse modo, dá vida também a nós mesmos. Para esse pai, a vida do filho era a sua vida, era a fecundidade da sua própria vida. Assegurando a vida do filho, Jesus ressuscita, reaviva a paternidade desse homem, reaviva o seu coração angustiado, o sentido da sua vida, do seu trabalho, da sua família.

“Vai, o teu filho vive”! Agarrando-se a essa palavra, repetindo-a, este homem começou a caminhar na fé e na esperança. A cada tentação de não crer que isso fosse verdade, que não se tratasse de nada além de uma ilusão, o homem repetia a si mesmo essa palavra de vida, e descobria que aquela palavra de Jesus tornava-se nele como que uma fonte que jorra de esperança, de confiança, de alegria, que transforma o seu olhar na direção do povo e das coisas que encontrava em seu caminho. Repetindo a si aquela palavra, o sol brilhava mais, o céu era mais azul, os campos mais dourados, as oliveiras mais prateadas, e todas as pessoas que cruzava pelo caminho estavam como que mais vivas, mais belas, mais amigas, mais ligadas ao seu

destino. A esperança de vida que a palavra de Jesus infundia no seu coração não era mais apenas para o seu filho. Era uma esperança para todos, uma fé de vida para todos.

Por que isso? Por que aquela palavra o reportava constantemente à presença de Cristo, à sua face, Àquele que a tinha pronunciado e que dela permanecia a fonte constante. A palavra permanecia palavra de Cristo, ainda que o homem se afastasse fisicamente d'Ele. Cristo é o Verbo da vida que permanece presente e vivo em cada palavra sua.

E eis que, guardando a palavra de vida de Jesus, o funcionário não precisou esperar chegar em casa para alegrar-se com o fruto da sua fé. Os seus sevos “vieram-lhe ao encontro”. E o que lhe disseram? Repetiram-lhe literalmente a palavra de vida de Jesus: “O teu filho vive!” (4,51).

A quem traz em si com fé a palavra de Cristo, a realidade lhe vem ao encontro para confirmar que ela é verdadeira, que ela não é apenas uma palavra, mas um fato, um acontecimento.

“Vai, o teu filho vive!”

Talvez seja justamente essa palavra que temos necessidade de trazer em nós no caminho pessoal e comunitário da nossa Ordem, e da Igreja toda. Temos necessidade de que a fé seja vida, que se encontre com a vida. Temos necessidade de que a fé nos faça reconhecer e acolher a vida que Cristo nos doa, que Cristo é para nós.

Dou-me conta sempre mais, visitando e encontrando as comunidades da Ordem, até o momento as da Europa e da América Latina, de que em última análise o motivo de tantos problemas e mal-estares pessoais e comunitários é justamente a recusa da vida que Jesus Cristo nos dá. A fé nesse dom é mais frágil que todos os problemas, e a palavra de vida que Cristo nos diz, que nos disse quando O seguimos no início, e que sempre nos repete, porque é uma palavra eterna, é silenciada, é sufocada, no nosso coração e no diálogo entre nós, pelo barulho que fazem muitas escolhas de morte, ou pelo barulho de escolhas de vida aparente que extinguem a vida plena e eterna que nos oferece o Senhor.

### **Qual é o homem que quer a vida?**

São Bento sintetiza a nossa vocação no chamado à vida plena e feliz que Deus nos dirige. O Senhor – escreve no Prólogo da Regra – nos buscou na multidão clamando: “Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes”? (RB Pról., 14-15; SI 33,12). Deus nos buscou para que tivéssemos a vida, e este seu “clamar” em meio à multidão dir-se-ia semelhante à ânsia do pai que pede a Jesus para curar seu filho. Deus está ansioso para dar-nos a “verdadeira e perpétua vida” (RB Pról., 17).

Apenas se dizemos “Sim!”, se dizemos “Eu!”, “Eu quero a vida!”, respondemos verdadeiramente ao nosso chamado, à nossa vocação. A nossa vocação é antes de tudo o desejo ansioso de um Deus que quer dar a vida ao mundo.

Porém, Bento nos diz também que o homem sedento de vida, Deus o busca como “operário” (RB Pról., 14). O que isso quer dizer? Quer dizer que a vida verdadeira e eterna, e a felicidade, exigem um trabalho de nossa parte. São um dom de Deus, mas um dom não pela nossa passividade, mas pelo trabalho da nossa liberdade.

O trabalho fundamental da nossa liberdade é a escolha, as escolhas que fazemos. Podemos trabalhar bem ou mal, escolher bem ou escolher mal, ser bons ou maus operários, mesmo se Deus nos contrata para a obra da vida e da felicidade que é a obra do seu Reino, a obra do Evangelho, a obra de Deus no mundo.

Espanta-me o quanto essa consciência falta no tamanho empenho que também vivemos em nossas comunidades. Normalmente faz-se muito, nos comprometemos muito, cultiva-se muitas relações, muitos contatos, e não só nos mosteiros que têm obras pastorais ou educativas. Mas dentro de todo esse compromisso, não se percebe sempre o comprometimento com a obra de Deus que é a vida e a felicidade do homem. Escolhe-se tantas coisas, também boas e ótimas por si sós, mas quase como alternativa à escolha da “vida verdadeira e perpétua”.

O fato é que o operário que Deus procura é um operário para a *Sua* obra, para a obra de Deus. É escolhendo a obra de Deus, uma obra que não é nossa, que vivemos e somos felizes, porque a obra de Deus é a vida e a felicidade do homem, de toda a humanidade.

Noto muitas vezes, nas comunidades, nas pessoas individualmente, e antes de tudo em mim mesmo, que a escolha da nossa obra no fundo prevalece sobre a escolha da obra de Deus. Escolhemos a nossa obra, escolhemos ser operários de nós mesmos, sobretudo quando nas nossas escolhas prevalecem a sede de poder, de autonomia, de individualismo.

Por que temos necessidade disso? Por certo há em nós a raiz do pecado, a tendência à rebelião nos confrontos de Deus e do seu desígnio, mas Cristo nos ajuda a compreender que o verdadeiro problema é que nos falta a fé. Não confiamos na obra de Deus, não cremos verdadeiramente que a escolha da obra de Deus é uma escolha de vida e de felicidade para nós. Preferimos contentar-nos com o prazer frágil e passageiro de um pouco de poder, de alguma liberdade que conquistamos, de algum pequeno “reino” governado apenas por nós mesmos, tudo contido em nossas mãos. A obra de Deus, o reino de Deus não nos parecem nunca suficientemente seguros e fecundos para deixarmos o resto.

### **A melhor parte**

Porém, ficamos infelizes, não ficamos contentes. Quanta infelicidade encontro nas nossas comunidades! E quanta divisão! De fato, se podemos estar unidos e felizes na obra de Deus, que a todos destina um lugar, uma tarefa e uma vocação de amor, quando vivemos para a nossa obra, a partilha e o dom não são mais possíveis. Ao limite temos necessidade de cúmplices, de aliados, porém mais com mais frequência de escravos, não de irmãos e irmãs, não de amigos com os quais partilhar a fadiga e a alegria da infinita obra de Deus.

O Chile é um país que se chama “*Peor es nada*” (=Pior é nada). Dizem que foi o comentário amargo do último dos irmãos de uma grande família de latifundiários quando viu aquela terra, destinada a ele em herança.

Às vezes tenho a impressão de que muitos de nossos irmãos e irmãs definam assim o que resta a eles da vida em comunidade, da vocação cisterciense. Porém, também a nós, sobretudo a nós, é reservada “a melhor parte” (Lc 10,42), e nos é prometido “o cêntuplo agora e depois a vida eterna” (cf. Mc 10,30). Muito além do que *peor es nada!*

Como recuperar então a vida e a felicidade da nossa vocação? Como recuperar a escolha da obra de Deus como parte melhor que por acaso coube a nós? Como renovar o nosso sim ao Deus que, em Jesus Cristo, nos chama a escolher a vida verdadeira, eterna e feliz, para nós mesmos e para o mundo?

Antes de mais nada, devemos escandalizar-nos com a nossa mesquinhez, com a nossa miséria, e com aquela dos outros. É para os pecadores que Cristo veio trazer a salvação: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores.” (Mc 2,17)

Muitas vezes a crítica recíproca nas comunidades vem justamente desse escândalo diante da nossa fragilidade estrutural, e no fundo esconde uma falta de fé em Cristo Médico, que sempre pode nos curar. Até o último momento os discípulos mais próximos de Jesus careceram de fé, de coragem, de inteligência, de gratuidade. Ambiciosos e mesquinhos; sedentos de poder, e ainda assim frágeis. Levamos verdadeiramente o tesouro da nossa vocação cristã e monástica em vasos de argila (cf. 2Cor 4,7), e o tesouro não transforma a argila em ouro. O vaso só vale se traz em si o tesouro. Se o perde, não resta mais do que argila.

Mas qual é esse tesouro?

São Paulo o exprime em síntese com uma fórmula sublime: “Deus, que disse: ‘Do meio das trevas brilhe a luz!’, foi ele mesmo quem reluziu em nossos corações, para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo.” (2Cor 4,6)

O tesouro é o conhecimento da glória de Deus na face de Cristo. O tesouro é a Face do Senhor que nos revela todo o esplendor da Trindade, do Deus que por amor criou o Universo, a começar pela luz, para chegar a comunicar-se ao nosso coração através do olhar do Filho de Deus feito homem. O tesouro é o olhar de Jesus que fixa o jovem rico com amor e o chama à liberdade de tudo para segui-lo: “Fitando-o, Jesus o amou e disse: ‘Uma só coisa te falta: vai, vende o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me’.” (Mc 10,21)

O jovem rico recusou essa vocação à plenitude da vida, à liberdade e à felicidade na relação constante com Jesus: “Saiu pesaroso, pois era possuidor de muitos bens.” (Mc 10,22)

“Saiu pesaroso”. O verdadeiro problema não foi tanto que estivesse apegado aos seus bens, mas que foi embora, afastou-se de Cristo, subtraindo-se assim ao seu olhar, à sua face, e portanto ao verdadeiro tesouro da sua vida, aquele que lhe teria permitido reconhecer a vaidade e a inconsistência de todos os seus outros bens. O jovem rico não se deteve na presença da face de Deus que o mirava com amor. É esta a verdadeira traição da vocação do seguimento de Jesus Cristo.

### **“Parai, sabeis que eu sou Deus”**

E nós que dissemos sim, nos detemos verdadeiramente à luz da Sua Face?

Nunca tomei tanta consciência como desde que fiquei Abade Geral de que devemos iniciar a nos detemos. Recomeça-se apenas detendo-se. E nunca como agora dei-me conta de que o coração da metodologia de São Bento é justamente esse deter-se para remeter-se à presença de Deus e nas mãos de Deus, a fim de que Ele mesmo nos torne instrumentos, operários da sua obra, do seu Reino. Redescubro, pela minha vocação e a vocação de toda a Ordem, a importância essencial dos primeiros versos do Capítulo 43 da Regra de São Bento: “Na hora do Ofício Divino, logo que for ouvido o sinal, deixando tudo que estiver nas mãos, corra-se com toda a pressa, mas com gravidade, para que a escurilidade não encontre incentivo. Portanto nada se anteponha à Obra de Deus.” (RB 43,1-3)

Frequentemente em nossos mosteiros se pensa que a participação no Ofício Divino seja essencialmente uma questão de equilíbrio entre atividade e oração. É sempre como se tratássemos de equilibrar na nossa vida e na vida da comunidade a *nossa* obra e a *nossa* oração. Para São Bento, ao contrário, o problema e a escolha não se situam nesse nível, ao *nosso* nível. A escolha para ele não é entre duas atividades que nós fazemos. Para ele, trata-se, ao contrário, da relação entre a obra do homem e a Obra de Deus, trata-se da escolha entre aquilo que nós fazemos e aquilo que Deus faz. O Ofício Divino não é, evidentemente, toda a Obra de Deus, mas é o gesto educativo que São Bento insere repetidamente na nossa jornada para ajudar-nos a escolher a Obra de Deus em tudo aquilo que fazemos, ou melhor: para ajudar-nos a inserir na Obra de Deus a nós mesmos e tudo aquilo que fazemos. A Regra nos oferece momentos comuns de interrupção da nossa obra até que a nossa liberdade esteja educada a consentir ao que Deus opera, a Deus que cria e vivifica, ao Espírito Santo que “é Senhor e dá a vida” (cf. Creio).

“O Senhor está aqui e te chama!” (Jo 11,28), diz Marta à sua irmã Maria, e esse Senhor é em pessoa “a ressurreição e a vida” (Jo 11,25).

Os irmãos e as irmãs que descuidam sem motivo da oração comum, e às vezes perdem a Eucaristia, talvez não se deem conta de que não desdenham apenas de um ato litúrgico, mas a vida nova que Deus quer sempre recriar em nós e em tudo aquilo que fazemos.

São Bento utiliza nessa passagem da Regra a terminologia evangélica do chamado dos primeiros discípulos: “deixando tudo [*relictis omnibus*] que estiver nas mãos, corra-se com toda a pressa [*summa cum festinatione curratur*]”. Como não sentir o eco do chamado de Pedro e André, Tiago e João, de Mateus o publicano, ou de Maria de Betânia, que deixam cair das suas mãos as redes, o dinheiro, a casa e os afazeres, para seguir com alegria o Senhor? O Ofício Divino nos torna contemporâneos de Jesus e renova a realidade evangélica da nossa vocação e seguimento.

Se hesitamos, se não nos dispomos, é frequentemente porque não aceitamos afastar-nos de “tudo quanto temos nas mãos”. Todos temos essa tendência a estreitar em demasia as coisas e as pessoas que temos nas nossas mãos. As relações, o trabalho, as responsabilidades, os interesses, os projetos, nós mesmos..., às vezes apertamos tudo tão fortemente que “estrangulamos” a nossa própria vida. Por medo de perdê-la, a sufocamos.

São Bento nos convida à liberdade das mãos vazias, e nos convida a viver isso como uma festa: “*summa cum festinatione curratur*”. Precisa-se de apaixonados pela Obra de Deus, como enamorados que correm ao encontro com a pessoa amada. Precisa-se de sedentos de vida, “como a corça deseja as águas correntes” (SI 41,2).

“Nada se deve preferir à Obra de Deus” (RB 43,3). A preferência é uma escolha que produz o milagre da prevalência. Aquilo que se prefere, prevalece, isto é, assume o primeiro lugar. Se a Obra de Deus é preferida, o milagre é que ela prevalecerá em tudo, em toda a nossa vida, no nosso trabalho, nos nossos projetos, nas nossas relações, em tudo aquilo que somos e fazemos. Tudo se transforma em Obra de Deus, isto é, tudo torna-se vida, porque a Obra de Deus é a vida eterna.

É verdade que nas nossas comunidades existem muitos problemas, e muitos se lamentam. Vale para a Ordem como para toda a Igreja. Humanamente, é verdade, há com o que se preocupar, mas a nossa preocupação é ainda um sentimento que vivemos com as mãos apegadas àquilo que nos angustia. Preocupamo-nos, desesperamo-nos, sem preferir Cristo e a Obra do Pai, ou seja, sem permitir a Deus intervir, tomar Ele nas mãos d’Ele tudo o que nos preocupa e que vai mal.

O funcionário real do Evangelho de João (4,46-54) separou-se do seu filho moribundo para ir a Jesus, e a distância entre Cafarnaum e Caná da Galiléia corresponde a um dia de caminhada. Esse afastar-se do filho, que deve ter sido doloroso como o sacrifício de Abraão, foi um ato de fé que lhe permitiu reencontrar seu filho vivo e sadio. Esse pai tornou-se para o seu filho o instrumento da obra de Cristo que é a ressurreição e a vida.

Graças à fé desse pai, Jesus lhe recompensou ao cêntuplo a sua paternidade. Quem é o pai senão quem gera o filho para a vida? Esse pai, liberando as próprias mãos do aperto com o qual detinha o filho agonizante para ir apresentá-las vazias e impotentes

a Jesus, recebeu na fé o dom da paternidade do próprio Cristo, e é assim que tornou-se pai ao cêntuplo, porque instrumento da vida que só Cristo pode dar.

Somos destinados a isso em tudo aquilo que devemos ser e fazer.

### **Da casa de Emaús ao Cenáculo de Jerusalém**

Mas esse *deter-se* que nos é pedido por São Bento não é apenas para rezar: trata-se de deter-se para rezar *juntos*, para a oração comum. No fundo, trata-se de deter-se para o encontro da comunhão com Deus com a comunhão fraterna.

É esta a Obra de Deus à qual nos convida São Bento, e a Igreja desde o seu nascimento: “Então, do monte chamado das Oliveiras, voltamos a Jerusalém. A distância é pequena: a de uma caminhada de sábado. Tendo entrado na cidade, subiram à sala superior, onde costumavam ficar. (...) Todos, unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele.” (At 1,12-14)

Recentemente, na Polônia, meditava sobre o Evangelho dos discípulos de Emaús. Senti-me tocado pelo fato de que o seu retorno a Jerusalém foi no fundo uma conversão que lhes transportou do seu projeto de vida individualístico à comunidade reunida no Cenáculo, isto é, um retorno da sua casa privada ao Cenáculo da vida comum. E é como se em Emaús o Ressuscitado tivesse desaparecido subitamente aos seus olhos justamente por isso, para que corressem a reencontrar a sua presença em meio aos irmãos e irmãs reunidos no Cenáculo.

Os discípulos de Emaús, afastando-se de Jerusalém, e portanto da comunidade dos outros discípulos de Cristo, depois da morte violenta do seu Mestre, não sabiam o que fazer. Antes eram discípulos; provavelmente um dia deixaram tudo para seguir Cristo, e permaneceram fiéis a Ele até o fim. Mas quando Ele morreu, perderam o único ponto de referência da sua vocação. Depois de alguns dias de hesitação e de medo, decidiram retornar à sua casa, a Emaús, e retomar as suas atividades habituais. Jesus, para eles, teria sido uma recordação, porém uma recordação decepcionante, porque ocupavam-se tanto d’Ele e tudo acabou sem que as suas esperanças fossem satisfeitas.

Quanto é grande a tentação também para nós de fazer como eles. Um dia entramos no mosteiro para seguir Jesus Cristo, para estar com Ele para sempre, mas depois, com o tempo, parece-nos que as nossas esperanças foram decepcionadas e lentamente retornamos a Emaús, à nossa vida de antes, aos nossos projetos individuais, à organização e à gestão privada do nosso tempo, do nosso trabalho, do dinheiro, das relações, e até da oração. Estamos convencidos de ter razão e repetimos a nós mesmos que aquilo que fazemos é, seja como for, sempre por Cristo, para servir a comunidade e a Igreja, ou para salvar as almas. E por isso não nos parece mais necessário estar unidos com aqueles com os quais e através dos quais um dia encontramos Jesus, O seguimos e O escutamos. Afastamo-nos de Jerusalém, afastamo-nos do Cenáculo, do lugar em que Cristo nos prometeu a Ressurreição e o

dom do Espírito Santo, do lugar no qual estávamos, apesar de tudo, unidos aos Apóstolos, a Maria, a todos os discípulos.

Em princípio, nos sentimos livres e inclinados a deixar essa companhia de gente que, sem Jesus, é ainda mais miserável e pobre do que antes. Mas ao longo do caminho individual que fazemos de Jerusalém a Emaús, lentamente apanha-nos a tristeza, uma sensação de vazio. Fazemos muitos discursos, nos empenhamos muito, ocupamo-nos com tantas coisas, mas é como se em tudo viesse a faltar o sentido, o valor, a paz e a alegria.

A vida torna-se estéril, e estamos sós, sempre mais sós com os nossos projetos e as nossas atividades. Mesmo se nesse meio tempo Jesus ressuscita e vêm-nos comunicar, não acreditamos, estamos céticos, não nos parece possível que Ele possa ser ainda para nós a fonte da vida: “Nós esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel; mas, com tudo isso, faz três dias que todas essas coisas aconteceram! É verdade que algumas mulheres, que são dos nossos, nos assustaram. Tendo ido muito cedo ao túmulo e não tendo encontrado o corpo, voltaram dizendo que tinham tido uma visão de anjos a declararem que ele está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas tais como as mulheres haviam dito; mas não o viram!” (Lc 24,21-24).

A única coisa que nos pode salvar deste afastar-nos no individualismo triste e estéril é que Cristo nos apanhe pela graça, pela misericórdia, e que a sua presença e a sua palavra levem outra vez o nosso coração a arder de desejo por estar com Ele: “Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina.” (Lc 24,29)

Salva-nos a graça de renovar o desejo e a busca de que a presença de Cristo seja o que impede à nossa vida de declinar sobre a nossa tristeza. Salva-nos a misericórdia de Cristo que sempre nos alcança, mesmo lá onde nos afastamos d’Ele, para falar a nós e levar-nos a desejar a plenitude da vida que quer doar-se no estar com Ele. Salva-nos sobretudo o fato de rever subitamente a luz do seu Rosto, os seus olhos, o seu olhar de amor sobre nós, como no primeiro dia.

Então os discípulos de Emaús voltaram a Jerusalém, voltaram ao Cenáculo. Cristo desapareceu aos seus olhos para que voltassem a unir-se à comunhão de pessoas nas quais Ele queria permanecer presente para sempre, em virtude da Eucaristia, da oração comum, do dom do Espírito Santo, do ministério dos Apóstolos, da presença de Maria. O Cenáculo era também o lugar em que Jesus, Senhor e Mestre, tomou o último lugar, aquele de servo que lava os pés dos outros, aquele do pobre que nos impele a reconhecer a nossa pobreza e a não querer dominar os outros.

É justamente a esse retorno de Emaús a Jerusalém que São Bento nos convida em toda a sua Regra. São Bento fez a experiência, depois do período de solidão em Subiaco, que é sobretudo no Cenáculo da vida cenobítica que o Ressuscitado aparece e nos fala: “Falavam ainda, quando ele próprio se apresentou no meio deles e disse: ‘A paz esteja convosco!’” (Lc 24,36).

## **“Nem sequer ouvimos dizer que exista um Espírito Santo”**

Mas por que nos custa tanto a decisão pela comunidade? Porque a comunhão nos parece menos atraente que a solidão?

Talvez bastaria simplesmente recordar-nos do motivo essencial pelo qual Jesus ressuscitado, antes de ascender ao Céu, pediu aos discípulos que permanecessem unidos no Cenáculo. O motivo é o dom do Espírito Santo. Jesus nos pede para estar juntos a fim de acolher o Espírito, porque é o Espírito Santo que anima a comunhão e a oração, a comunhão fraterna e a comunhão com Deus. O Espírito é a Caridade que nos une a Deus e aos irmãos e irmãs. O que Jesus pede aos discípulos não é que sejam capazes de rezar e amar, mas de estar juntos na oração como para abrir ao Espírito o espaço vazio correspondente à plenitude de amor e de oração que Ele é. Esta é a oferta cristã.

Nós, ao contrário, pensamos sempre que a comunhão fraterna e a oração sejam uma tarefa que devemos realizar com as nossas forças, e que Deus seja como um capataz que, sem fazer nada, controla os trabalhos forçados impostos aos outros. Somos um pouco como aquela dezena de habitantes de Éfeso que, quando São Paulo perguntou-lhes se tinham recebido o Espírito Santo, responderam: “Nem sequer ouvimos dizer que exista um Espírito Santo.” (At 19,2)

A Regra de São Bento não é normalmente considerada muito “carismática”. Ainda assim, as poucas vezes que nela se menciona o Espírito Santo, são significativas e lançam sobre toda a observância beneditina e cisterciense um sopro de Pentecostes que não devemos descurar se queremos viver com alegria e verdade a nossa vocação.

São Bento menciona, por exemplo, o Espírito Santo como um dom alegre justamente quando fala do período mais exigente da vida no mosteiro: a Quaresma. Ora, Bento liga a “alegria do Espírito Santo” à liberdade da oferta. Pede, com efeito, depois de ter feito notar que “a vida do monge deva ser, em todo tempo, uma observância da Quaresma” (RB 49,1), que “ofereça cada um a Deus, de espontânea vontade, com a alegria do Espírito Santo [*cum gaudio Sancti Spiritus*], alguma coisa além da medida estabelecida para si.” (RB 49,6)

O Espírito é a plenitude do coração, isto é, a alegria, que logo preenche o espaço livre e vazio que abrimos a Deus. A verdadeira liberdade não é de poder, mas de oferecer; não é de ser capazes, mas disponíveis; não é de ser plenos, mas abertos. O pior defeito que podemos ter é aquele de sentir-nos perfeitos, porque isso nos fecha à plenitude dos pequenos e dos pobres: o dom do Espírito Santo.

No mesmo sentido, São Bento menciona o Espírito Santo ao final do capítulo sobre a humildade. Também aqui, quando o monge já subiu todos os degraus da humildade, e

se encontra como que esvaziado de todo orgulho e presunção, e de todo temor, o Espírito vem a preencher de amor toda a sua vida e a sua pessoa, aberta à graça:

“Tendo, por conseguinte, subido todos esses degraus da humildade, o monge atingirá logo, aquela caridade de Deus, que, quando perfeita, afasta o temor; por meio dela tudo o que observava antes não sem medo começará a realizar sem nenhum labor, como que naturalmente, pelo costume, não mais por temor do inferno, mas por amor de Cristo, pelo próprio costume bom e pela deleitação das virtudes. Eis o que, no seu operário, já purificado dos vícios e pecados, se dignará o Senhor manifestar por meio do Espírito Santo.” (RB 7,67-70)

Sim, São Bento, como os nossos pais e mães cistercienses, sabia que existe o Espírito Santo e que sem Ele não podemos fazer nada. Por isso era alegre e convidava à alegria, como um menino que sabe que os pais não lhe pedem nada sem ajudá-lo, e que tudo lhes pedem para o seu bem e para que viva.

Perguntemo-nos agora, simplesmente, se, mesmo depois de tantos anos de vida cristã e monástica, sabemos ou não que o Espírito existe. Talvez não o saibamos ainda. Eu devo confessar que nunca sei o suficiente. Mas bastaria ter ao menos a humildade da dezena de Efésios que reconheceram não conhecer o Espírito, o Consolador, o Pai dos pobres, o doce Hóspede da alma, o Fogo da caridade, o Senhor que dá a vida. Então, sempre como aos habitantes de Éfeso, em virtude do nosso batismo, confirmado com a nossa profissão monástica, o Espírito nos será logo dado, tornando-nos alegres no louvor de Deus, e profetas (cf. At 19,5-6), isto é, testemunhos da novidade de vida que Cristo ressuscitado quer doar a toda a humanidade.

\*\*\*

Caríssimos Irmãos e Irmãs, com gratidão, afeto e humildade, permaneço unido a todos vós no pedir e acolher com as mãos vazias o Paráclito, com Maria, afim de que toda a Ordem, na variedade dos seus carismas e das suas observâncias, ofereça ao mundo um Cenáculo acolhedor e aberto no qual o Espírito do Pai e do Filho possa ser um Dom para todos.

*Roma, Pentecostes de 2011.*



*Ir. Mauro-Giuseppe Lepori  
Abade Geral O. Cist.*